

LYGIA FAGUNDES TELLES E A MAESTRIA DE NARRAR

Angela das NEVES*

- **RESUMO:** A obra de Lygia Fagundes Telles (1923-2022) é o objeto principal de estudos deste artigo, que propõe uma introdução ao conjunto dos contos da escritora paulistana, amparada na leitura de sua fortuna crítica e no conhecimento de sua larga produção literária, que inclui também romance, memória, crônica e correspondência. A arte narrativa da dama das letras brasileiras é aqui apresentada por meio de exemplos extraídos de sua publicação mais recente, *Os contos* (2018), antologia organizada por ela. O intuito é ressaltar a sua importância e atualidade no cenário do conto brasileiro de autoria feminina, destacando seu diálogo com mestres contistas do passado e suas projeções na literatura brasileira contemporânea. Este estudo faz parte de uma pesquisa sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, inter-relacionada à análise de sua correspondência literária, e faz uma homenagem à vida e à obra dessa grande escritora, que, em 2023, celebraria seu centenário. Sua atuação cultural se revela muito mais ampla aos estudiosos que utilizam as diversas chaves interpretativas que a autora oferece aos que se dedicam a lê-la com afinco, de modo a estabelecer vínculos com uma legião de ficcionistas que propõem, a um só tempo, a renovação e a retomada desse legado.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa de autoria feminina. Literatura Brasileira. Lygia Fagundes Telles.

Introdução

Ao desembulhar as minhas personagens posso estar desembulhando a mim mesma, as ligações são profundas. O leitor, que considero meu cúmplice, talvez saiba descobrir melhor essas fronteiras entre autor e personagem assim como num jogo, eu não sei. Sei que escrevo no impulso da inspiração, palavra que saiu de moda mas é insubstituível, inspiração (TELLES, 2007, p. 97).

Lygia Fagundes Telles (1923-2022), em seu último livro, publicado em 2018, entregou a seus leitores o mais volumoso de todos eles, uma antologia que reúne

* Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Literatura Brasileira no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). São Paulo, SP, Brasil – angeladasneves@yahoo.com.br.

cerca de oitenta anos de intensa produção literária. *Os contos*, organizados pela própria autora e com posfácio de Walnice Nogueira Galvão, concentram oitenta e cinco narrativas, separadas entre sete seções, ou títulos, sendo seis deles livros de Lygia: *Antes do baile verde*, *Seminário dos ratos*, *A estrutura da bolha de sabão*, *A noite escura e mais eu*, *Invenção e memória*, *Um coração ardente* e “Contos esparsos”. Surpreende saber que nem todos os livros de contos publicados por Lygia Fagundes Telles foram ali contemplados, assim como não entraram diversos de seus textos pertencentes a esse gênero literário, que passam de uma centena (SILVA, 2009; 2017). Por outro lado, para os estudiosos da escritora paulistana, é revelador constatar que nessa coletânea voltaram a lume textos de seu terceiro livro (*O cacto vermelho*), lançado em 1949 e jamais republicado integralmente. Esse e os dois primeiros (*Porão e sobrado*, de 1938, e *Praia viva*, de 1944) são considerados pela crítica e endossados pela autora como “escritos de juventude”. Também voltaram nessa antologia contos pouco reeditados, como “O tesouro” (de *O jardim selvagem*) e os inéditos “Endereço desconhecido” (2001) e “Ou mudei eu?” (1998). Estão reunidos em *Os contos*, portanto, textos das diversas fases da vida literária de Lygia Fagundes Telles, da juventude à completa maturidade.

O resgate e a reescrita de seus textos são práticas muito frequentes durante seus muitos anos de produção literária. Fazem parte de seu constante aprimoramento narrativo, mesmo de contos publicados em livro, que não só são reescritos, mas também são objeto de remanejamento entre as coletâneas. Manuseados pela jogadora incansável, ela reorganiza suas peças-chave até encontrar a expressão e a disposição mais perfeitas, para que atendam ao princípio que rege suas paixões e uma busca pelo estabelecimento definitivo dos volumes, até a próxima publicação. Um exemplo claro desse trabalho está em um de seus livros mais recentes, *Um coração ardente* (2012), em que todos os contos foram originalmente publicados em coletâneas anteriores, entre 1949 e 1981. Na edição de *Os contos*, a autora manteve o título do volume *Um coração ardente*, abandonando em definitivo os das antologias anteriores.

No posfácio a *Os contos*, a professora e crítica literária Walnice Nogueira Galvão denomina essa característica da obra de Lygia Fagundes Telles como “semovente”, por manter-se cíclica e imaterial (GALVÃO, 2018, p. 743). Para essa estudiosa, a atitude de refinamento que Lygia opera em seus textos e em sua obra como um todo demonstra a sua “consciência profissional sempre alerta e que nada toma como definitivo” (Ibid., p. 743). Outros pesquisadores de sua contística analisaram esse processo de escrita: Vera Maria Tietzmann Silva menciona o “minucioso trabalho revisional” da escritora (SILVA, 1985, p. 37) e trabalha a metamorfose no plano textual lygiano; Temístocles Linhares, citado por Silva, avaliava esse trabalho autoral como um ato de “humildade total” de quem não tem “[...] nunca a pretensão de escrever para a eternidade” (LINHARES, 1973, p. 110).

Em 1966, Carlos Drummond de Andrade já notara esse aspecto de reescritura por parte de Lygia, mas, naquele momento, a diferença pairava entre a versão de “A chave”, publicada em jornal, e a então “obra acabada”, lançada no livro *O jardim selvagem* (1965), conto hoje situado em *Antes do baile verde* (1970). Em carta de 28 de janeiro de 1966, ele analisa o procedimento da autora, ressaltando sua intenção com tais modificações:

Por sinal que comparei o texto do livro com o texto do jornal de há três anos, e verifiquei o minucioso trabalho de polimento que o conto recebeu. Parece escrito de novo, mais preciso e ao mesmo tempo mais vago, **essa vaguidão que é um convite ao leitor para aprofundar a substância, um dizer múltiplo, quase feito de silêncio**. Sim, ficou ainda melhor do que estava, mas alguma coisa da primeira versão foi sacrificada, e é esse o preço da obra acabada: não se pode aproveitar tudo que veio do primeiro jato, **o autor tem de escolher** e pôr de lado alguma coisa válida (ANDRADE, 1966, grifos nossos).

Vera Maria Tietzmann Silva reitera que esse procedimento da criadora de *Seminário dos ratos* decorre de “disciplinada autocrítica” e expande-se do texto ao livro, reeditando contos e realocando-os nas antologias, sobretudo a partir de 1961 (SILVA, 2017, p. 173; 181), com *Histórias escolhidas*. Para a estudiosa gaúcha, que fez uma larga pesquisa de localização desses textos entre as diversas publicações (SILVA, 2009), Lygia justificou seu trabalho como o de “uma inconformada” (SILVA, 2017, p. 171; 176). Mais do que isso, observamos, como o fez Drummond, que esse ato contínuo da autora tem por objetivo aprofundar sua técnica narrativa, de modo a prender a atenção do leitor à multiplicidade da palavra narrada, ao discurso, às personagens, à sua ambientação fantasiosa ou intimista, conforme veremos.

A partir do estudo da metodologia criativa de Lygia Fagundes Telles, seus procedimentos narrativos, com ênfase na construção de seus contos, procuraremos mostrar a atualidade de sua obra, que repercute em temas, modos e técnicas empregados por escritoras da contemporaneidade, como o emprego do monólogo interior e a alternância do tempo psicológico em conflito com o da ação. Praticante das diversas modalidades, do conto neorrealista, passando pelo estranho e o fantástico, pelo cruel e pelo conto intimista, quase sempre com predomínio do cenário urbano com todas as suas problemáticas, Lygia mostra-se uma contista madura e exemplar. O hibridismo do gênero, que ganhou diversas formas narrativas com o cada vez mais frequente uso da autoficção, permite ver no conjunto de sua contística uma variedade que surpreende por não se repetir em fórmulas preestabelecidas.

Sobre *Os contos*

Com o Modernismo e o aval de Mário de Andrade, convencionou-se chamar de “conto” tudo aquilo que o seu autor denomina como tal (ANDRADE, 1972, p. 5); também nessa coletânea de Lygia passam a ser contos textos antes coligidos em livros de crônicas de memórias e autobiográficos, como são maioria em *Invenção e memória* (“Cinema Gato Preto”, “Heffman”, “Que número, faz favor?”, “Nada de novo na Frente Ocidental”, entre outros). Desde contos cujo tema se espelha em acontecimentos prosaicos do cotidiano (“Antes do baile verde”, “Um chá bem forte e três xícaras”, “A ceia”, “As pérolas”, “Herbarium”, “A consulta”, “Missa do galo”, “Rua Sabará, 400”, “Biruta”, “Felicidade”, “Ou mudei eu?”) até seu deslocamento em desfechos insólitos e fantásticos (“A caçada”, “Venha ver o pôr do sol”, “As formigas”, “Lua crescente em Amsterdã”, “Seminário dos ratos”, “A testemunha”, “A fuga”, “Dolly”, “O segredo”, “Anão de jardim”, “A dança com o anjo”, “A chave na porta”, “O dedo”, “O noivo”, “A recompensa”, “Correspondência”) temos uma gama bastante ampla em que basear nossas análises. A contemporaneidade de sua linguagem, que segue, muitas vezes, a lógica não linear do inconsciente (por exemplo, em “Apenas um saxofone”, “Senhor diretor”, “Pomba enamorada ou uma história de amor”, “Endereço desconhecido”) ou, com frequência, da memória (“Eu era mudo e só”, “A confissão de Leontina”, “A rosa verde”, “Que se chama solidão”, “O muro”), é mais bem lida hoje pela leitora (e também pelo leitor) contemporânea(o), que reconhece em seus textos uma discussão profunda sobre a independência, a liberdade, o poder de escolha, o livre-arbítrio, os mistérios da vida, assim como põe em questão alguns pressupostos do mito do eterno feminino.

A prosa de Lygia apresenta uma profunda perspicácia psicológica na configuração de seus narradores, em que predomina o foco narrativo feminino, mas deve-se levar em conta um número razoável de narradores masculinos (“Helga”, “O moço do saxofone”, “A sauna”, “WM”, “Um coração ardente”, “A estrela branca”), bem como casos esporádicos e muito interessantes de criaturas não humanas, como o foco narrativo de um cãozinho (em “O crachá nos dentes”) e o de um gnomo (em “Anão de jardim”), ambos de *A noite escura e mais eu*.

Suas narrativas primam e permanecem atuais por inter-relacionarem essa percepção da psique a uma análise dos lugares sociais ocupados por suas personagens. As relações estabelecidas por elas, na cena narrativa, revelam aspectos do trânsito de papéis sociais que ocupam, e, a partir da interação entre elas, afloram características íntimas e desvendam-se seus dramas existenciais (ver a construção do conto “Correspondência”, em que a focalização se alterna entre os correspondentes, cada qual contribuindo, ao seu modo, para a tragédia que se instaura, revelada por uma terceira personagem, que, ao final, entra na correspondência).

Na construção do enredo, a mestra da narrativa curta tece e retece histórias de vida inesquecíveis – entre elas, a sua própria –, ainda que apenas no plano da literatura.

Como Drummond bem definiu na mesma carta que citamos anteriormente, de 28 de janeiro de 1966, após a leitura de *O jardim selvagem* (1965): “Conto de você fica ressoando na memória, imperativo” (ANDRADE, 1966). Observação semelhante fez Erico Verissimo, em carta de 6 de fevereiro de 1966, por ocasião da mesma publicação: “Há contos seus que ficam perseguindo a gente por muito tempo, como o daquela história do jazigo perpétuo e dos dois amantes” (VERISSIMO, 1966). O escritor gaúcho referia-se a “Venha ver o pôr do sol”, uma releitura moderna do conto maravilhoso, com um final surpreendente e terrível. Outros contos do volume “ressoam na memória” do leitor, como “O menino e o velho”, “História de passarinho”, “As cartas” e “Ou mudei eu?”, textos que nos fazem refletir sobre problemas os mais diversos, sociais e psicológicos.

Antonio Candido, crítico de fundamental importância para Lygia Fagundes Telles, o primeiro a estabelecer que sua obra alcançava a maturidade a partir de *Ciranda de pedra* (1954) (CANDIDO, 2011), considera-a, tanto no romance quanto no conto, uma excelente narradora, “[...] revelando sempre a mão de mestre que nunca falha” (CANDIDO, 2005). Em texto de 1987, muitas vezes republicado e originariamente voltado à apresentação da literatura brasileira ao público estrangeiro, Antonio Candido faz um resumo da produção de Lygia, ressaltando a sua qualidade como prosadora:

A obra de Lygia Fagundes Telles (n. 1923) realiza a excelência dentro das maneiras estabelecidas de narrar. Mas ela sabe fecundá-las graças ao encanto com que compõe, à capacidade de apreender a realidade pelos aspectos mais inesperados, traduzindo-a de modo harmonioso. Tanto no conto quanto no romance, tem realizado um trabalho ainda em pleno desenvolvimento, sempre válido e caracterizado pela serena maestria (CANDIDO, 2010, p. 118).

Esse dom ou vocação para a narrativa, além da velha e sábia inspiração, Lygia o conquistou por meio de trabalho contínuo e incansável, que se observa na reedição de seus livros até *Os contos*. Desde seus primeiros escritos, contos publicados por empenho próprio e custeados pela família, nota-se um olhar atento e sagaz voltado para o poder da palavra comprometida em narrar acontecimentos do cotidiano, que se revelam singulares. O interesse permanente por pobres, marginalizados, violentados, insubmissos, assim como pelo insólito e incrível, demonstra uma percepção aguda da existência diante de uma sociedade injusta e pautada na lei dos homens (ver “A medalha”, “O menino e o velho”, “Biruta”, “Dezembro no bairro”, “A estrela branca”, “Hô-Hô”, “A recompensa”). Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em que foi a terceira mulher a ocupar uma cadeira de “imortal”, Lygia observava a árdua tarefa da escritora nestes tempos, solidarizando-se com as suas antecessoras, Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz: “A mesma paixão nos une: a paixão da palavra. A mesma luta

tecida na solidão e na solidariedade para cumprir o duro ofício nesta sociedade violenta, de pura autodestruição” (TELLES, 1988, p. 15).

A serenidade de Lygia, dando-se conta de todos os conflitos que nos rodeiam, na vida íntima e social, perpassa suas narrativas, que, muitas vezes, contêm um relato confessional em primeira pessoa ou um retrato psicológico minucioso em terceira pessoa, que focaliza com os olhos e com o coração. Seu realismo não se atém apenas à descrição em detalhes do espaço ou do tempo de suas personagens, mas tem o poder da ambientação precisa que possibilita o *páthos*, pelo dom dramático de muitos de seus textos, pautados no diálogo (“Verde lagarto amarelo”, “A ceia”, “Lua crescente em Amsterdã”, “A consulta”, “Você não acha que esfriou?”) ou pelo pacto narrativo com o leitor, sobretudo nas suas narrativas autoficcionais (“Que se chama solidão”, “Suicídio na granja”, “Heffman”, “Rua Sabará, 400”). Como se observa, a maestria da narradora lygiana está em manusear com primor diversas técnicas do conto literário, desde as mais elementares, em que o foco é contar uma história, de forma breve e detida, visando à “unidade de efeito” pregada por Edgar Allan Poe em “A filosofia da composição” (2009, p. 116), até as formas contemporâneas das narrativas curtas, em que muitas vezes é tarefa hercúlea distinguir o conflito e o clímax do conto, bem como seu enredo (por exemplo, “Meia-noite em ponto em Xangai”, “A presença”, “Você não acha que esfriou?”, “Dia de dizer não”). Esses últimos textos trabalham, geralmente, num plano mais profundo aspectos metalinguísticos e reflexivos, bem como elementos psíquicos por meio do monólogo interior.

Diversos textos de Lygia Fagundes Telles têm, na ambientação surreal ou fantástica, o seu motivo principal. Nos casos em que segue a linhagem realista e alegórica de Machado de Assis ou de Guy de Maupassant, eles quase sempre partem de algo da realidade concreta que dispara o estranho ou o fantasioso. Alfredo Bosi define como “contos anfíbios” aqueles que estão na margem entre o real e o fantástico, “meio documento meio fantasia”, ao se referir aos textos de J. J. Veiga (BOSI, 1974, p. 14), e que localizamos também na obra de Lygia Fagundes Telles, como “A caçada”, “As formigas”, “Seminário dos ratos”, “A testemunha”, “A fuga”, “Dolly”, “Anão de jardim”, “Potyra”, “Emanuel”, “O encontro” e “A viagem”.

Mesmo em algumas narrativas autoficcionais de Lygia, presentes em seus livros de memória, fragmentos e crônicas, como as de *A disciplina do amor* (2010), *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de nuvens* (2007), essa ambientação do gênero fantástico se faz presente, deixando no leitor a indagação sobre a veracidade de tais lembranças. Trata-se de textos híbridos, compostos por meio da alternância entre elementos da história literária, da crítica, da autobiografia e da memória da autora. Lygia mesma dá a chave para esse enigma: “Ora, se é o autor que faz a confissão evidentemente ele não pode ser confiável porque toda confissão, real ou fictícia, está sob o signo da suspeita” (TELLES, 2007, p. 97). Ao

aceitarmos o pacto autoficcional, colocamo-nos como seus leitores e cúmplices, submersos em seu universo ficcional, sob o signo lygiano.

Muito além de Pandora, Penélope e Sheherazade

A autoria feminina no conjunto do conto brasileiro contemporâneo é, hoje, muito mais prolífica e visível que há quase cinquenta anos, quando Alfredo Bosi coligiu e prefaciou a antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, em que predominavam contos de escritores, com as exceções de Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Nélide Piñon. Considerando o conto contemporâneo como um gênero “proteiforme” (BOSI, 1975, p. 7) ou um “poliedro” (Ibidem, p. 21), o organizador observava já então uma tendência às experimentações com a linguagem e o imaginário, ao fragmentário e ao caótico. E fez seu balanço: “É muito provável que o conto oscile por muito tempo entre o retrato fosco da brutalidade corrente e a sondagem mítica do mundo, da consciência ou da pura palavra” (Ibid., p. 22) – o que se observa ao ler o conjunto dos contos de Lygia Fagundes Telles. Nessa antologia, cuja introdução Bosi escreveu em 1974, ele seleciona de nossa autora dois contos que tratam da captação do instante do passado que fica para sempre na memória, “As cerejas” e “Estrutura da bolha de sabão”, os quais, na visão do organizador, representam a “prosa ardente” (Ibid., p. 10) e a “ficção mais ‘solta’ e correntia” (Ibid., p. 19) de Lygia.

Além de cultivar amizade e inserir-se entre muitas escritoras de sua geração ou posteriores (como Clarice Lispector, Hilda Hilst, Lupe Cotrim Garaude, Lya Luft, Renata Pallottini e Nélide Piñon), a obra de Lygia permite constantes diálogos com prosadoras e ficcionistas em contínua produção hoje, entre as quais, Ana Miranda e Adélia Prado. Estudos acadêmicos em literatura comparada revelam diversas abordagens nessas releituras. A correspondência de Lygia mostra o contato íntimo que manteve com algumas dessas escritoras, cujos interesses compartilhavam durante encontros literários e por registros em cartas, remanescentes no acervo da autora, guardado no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, e, em menor número, em arquivos de outros escritores, como no IEB-USP, no CEDAE-Unicamp e na Casa de Rui Barbosa.

Ao analisar a *memorabilia* de Lygia Fagundes Telles, descobrimos detalhes de sua interlocução com escritores e escritoras, brasileiros e estrangeiros, de grande relevância no século XX. Por exemplo, entre os anos 1960 e 1970, Lygia correspondeu-se com Simone de Beauvoir, com quem se encontrou mais de uma vez, física e literariamente, por meio de visitas, cartas e livros (NEVES, 2019). Erico Verissimo e Carlos Drummond de Andrade eram correspondentes privilegiados de Lygia, a quem ela oferecia a leitura de contos seus e livros inteiros, antes ou depois de publicá-los, como vimos em cartas citadas desses dois escritores. Rachel de Queiroz foi sua interlocutora mais tardia, principalmente após a entrada

na ABL. Esse círculo literário lygiano permite ver como a autora se orientou e fez escolhas pautada na empatia, também propiciadas por seu caráter solidário e gregário. Muitas dessas relações afetivas e de sociabilidade literária aparecem em textos autoficcionais de Lygia, alguns deles presentes em *Os contos* (sobretudo em *Invenção e memória*), mas a maior parte reservada aos seus livros de crônicas e memórias, como *Disciplina do amor*, *Durante aquele estranho chá* e *Conspiração de nuvens*.

Logo após o lançamento de *Os contos*, o escritor Marcelino Freire escreveu uma resenha para o caderno “Ilustrada”, do jornal *Folha de S. Paulo*, em que ressalta a atualidade da obra de Lygia Fagundes Telles, autora que, conforme ele, inaugurou uma linhagem de contistas brasileiras. Na releitura dos contos, proporcionada pela reedição de 2018, Freire observa que a escritora realiza um “fenômeno: [...] o de Lygia voltar renovada à trilha que ela mesma inaugurou” e contesta seu título de “dama das letras”, pois, para ele, ecoam em suas narrativas o inconformismo e o escândalo (FREIRE, 2018). Considerando o grande número de autoras em projeção no cenário literário, Marcelino Freire constata que a “A reunião de contos de Lygia Fagundes Telles encontra uma mulherada empoderada”, tanto dentro do livro, “das dezenas de mulheres que vemos pular de cada página”, como mundo afora.

Há, nas narrativas de Lygia, a presença de uma legião de mulheres, personagens e narradoras que, por vezes, se revelam ser versões dela mesma, em seus textos autoficcionais. Ela, que se considerava uma “anti-heroína” (TELLES, 2007, p. 99), faz dedicatórias que homenageiam, em sua maioria, mulheres. O volume *Os contos* é dedicado às bisnetas de Lygia Fagundes Telles: “Para Marina e Lygia, as minhas meninas”. Um de seus livros anteriores, *Conspiração de nuvens* (2007), foi dedicado às netas: “Para Lúcia e Margarida, minhas netas”. Em *A noite escura e mais eu*, faz uma alusão a um poema de Cecília Meireles, citado na epígrafe, e a essa poeta dedicara, na juventude (junto com Monteiro Lobato) seu segundo livro, *Praia viva*.

Em “A dança com o anjo”, narrativa caracteristicamente autobiográfica, a narradora situa as origens do pensamento feminista lygiano, contrastando hábitos e costumes do passado, diante dos quais a vida da escritora revelou-se um modelar contraexemplo. Uma boa aula de história para muitos, escrita numa linguagem que diversas gerações compreendem e com a qual algumas podem se identificar:

A Segunda Guerra Mundial estava quase no fim, o planeta enfermo sangrando e uma frase muito na moda nestes trópicos, O preço da paz é a eterna vigilância! Ora, se a paz (com toda a ênfase no ponto de exclamação) já estava mesmo perdida, o importante agora era não perder a virgindade e disso cuidava a minha atenta mãe: o mito da castidade ainda na plenitude, nem o mais leve sinal da bandeira feminista hasteada nestas palmeiras. E o nosso sabiá não sabia da pílula, não sabia de nada. O anunciado mercado de trabalho para *O Segundo*

Sexo (que Simone de Beauvoir ainda nem tinha inventado) estava apenas na teoria, a solução era mesmo casar. E lembro agora de uma vizinha da minha mãe cerrando os olhos sofrendores: Tenho cinco punhais cravados no peito, as minhas cinco filhas solteiras!

Nesta altura, com a minha irmã mais velha já casada, minha mãe tinha apenas um punhal, este aqui (TELLES, 2018, p. 470).

Leitores (homens e mulheres) reconhecem que o feminismo de Lygia provém de sua própria experiência e se perfaz num humanismo (existencialista, diria), por meio de seu constante alerta para discursos preconceituosos ou homofóbicos. Contos como “O espartilho” e “Uma branca sombra pálida” são exemplares para se discutir essas questões.

Estudos de diversas áreas procuram interpretar os contos de Lygia Fagundes Telles observando a sua atualidade e a permanência dos temas discutidos em sua obra. Alinhavando psicanálise e literatura, Berenice Sica Lamas analisa o conceito de “duplo” em sete contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles. Para essa crítica,

nas tendências contemporâneas do percurso do conto brasileiro, situa-se a escritora como representante do que poderíamos chamar de uma vertente do realismo intimista-existencialista, por dedicar-se a dissecar os meandros da consciência humana em seus textos e a aprofundar dados do inconsciente (LAMAS, 2004, p. 86).

A estudiosa gaúcha relaciona a obra de Lygia à de suas contemporâneas Clarice Lispector e Nérida Piñon, numa tríade intimista: “Na obra das três escritoras, apresentam-se a consciência e o entendimento da criação como reescritura crítica de uma situação social às vezes opressora” (LAMAS, 2004, p. 87).

Vera Maria Tietzmann Silva observa, entre os aspectos da atualidade de Lygia, o fato de a escritora conciliar a arte popular e a erudita: “Seus textos têm a rara virtude de alcançar tanto o leitor comum, que vê neles espelhados um pouco de seus próprios anseios, como o exigente leitor erudito, que logo percebe, sob a aparente facilidade da linguagem, a cuidadosa arquitetura que sustenta as tramas” (SILVA, 2017, p. 182).

Alberto Manguel, escritor que, assim como Lygia, desfrutou do convívio e da amizade com Jorge Luis Borges, observou este duplo aspecto da obra lygiana: de tradução de sua época e de transmissão do conhecimento. Por exercer esses dois grandes papéis, ele a aproxima de Balzac e Jane Austen, pelo retrato de uma época que sua infinita galeria de personagens proporciona (MANGUEL, 2017, p. 24).

O grande número de amigos e contemporâneos de Lygia Fagundes Telles que deixam registrados seus testemunhos e depoimentos é notável. Eventos curiosos e reveladores de sua personalidade única e solidária, de um senso de humor refinado

e sempre presente, para quem é possível “rir como uma bolha de sabão seria capaz de rir” (TELLES, 2018, p. 378).

Para utilizarmos uma das chaves da própria autora, observamos que, da contista de “A estrutura da bolha de sabão”, conforme imagem criada por Julio Cortázar, o conto se desprende como uma “bolha de sabão do pito de gesso”: “O indício de um grande conto está para mim no que poderíamos chamar a sua autarquia, o fato de que a narrativa se tenha desprendido do autor como uma bolha de sabão do pito de gesso” (CORTÁZAR, 2008, p. 229). Em “Do conto breve e seus arredores”, o escritor franco-argentino detalha sua teoria do conto, a partir da ideia de “esfera”, na qual vemos a bolha de sabão – soprada por Lygia Fagundes Telles e estudada por nós – ser artesanalmente transformada numa imaginária esfera de argila, cuja perfeição é prevista pela narradora envolvida em sua urdidura:

O sentimento da esfera deve preexistir de alguma maneira ao ato de escrever o conto, como se o narrador, submetido pela forma que assume, se movesse implicitamente nela e a levasse à sua extrema tensão, o que faz precisamente a perfeição da forma esférica (Ibid., p. 228).

Cortázar assimila aqui duas imagens recorrentes à criação literária: a do gênio de que tudo emana (a “inspiração”, para Lygia), como num sopro, e a do artesão, que trabalha as formas com as mãos, a partir da argila ou do barro. A escolha da esfera é particularmente relevante, considerando-a uma forma perfeita, sem arestas, sem moldes, já que manuseada pelo artesão, mas que concentra toda uma tensão interna. No caso de Lygia Fagundes Telles, seus contos, como bolhas de sabão, são apresentados por ela e oferecidos à análise e ao estudo, soprados ao vento por canudos de mamoeiro (TELLES, 2018, p. 377). Essa narrativa, que ocupa as páginas centrais de *Os contos*, grosso volume de capa azul-verde, resume muitas das preocupações da autora aqui em estudo: um amor perdido, a morte, o mistério da vida, “[...] estrutura que deve ser assim como o próprio ser humano, indefinível, inacessível. E incontrolável” (TELLES, 2007, p. 23).

[...] uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância. Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro, quando cortava os mais tenros, que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas. Uma de cada vez. Amor calculado, porque na afobação o sopro desencadeava o processo e um delírio de cachos escorriam pelo canudo e vinham rebentar na minha boca, a espuma descendo pelo queixo. Molhando o peito. Então eu jogava longe canudo e caneca. Para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolas de sabão. Mas e a estrutura? “A estrutura”, ele insistia.

[...] Amor de transparências e membranas, condenado à ruptura (TELLES, 2018, p. 377).

A mestra do conto extrai sua matéria da natureza (humana ou não) e cria com ela obras-primas de prazer fugaz, mas que ressoam e permanecem em nossa memória de leitores, alertando-nos sobre os perigos das relações, dos encontros, das paixões, da loucura e do acaso. Como resumiu Alfredo Bosi: “Recuperar a imagem do que já foi, mas que ficou para sempre, é o esforço bem logrado da prosa ardente de Lygia Fagundes Telles” (BOSI, 1975, p. 10). Em sua crônica “Bolas de sabão”, a autora comenta que “A estrutura da bolha de sabão” foi um dos seus contos mais difíceis e sofridos e que sua ideia surgiu de uma conversa com o marido, o que despertou lembranças da infância e reflexões sobre sua composição.

Conversando com Paulo Emílio, ele disse que um amigo em Paris, um físico, estudava a estrutura da bolha de sabão. Fiquei curiosa, a estrutura da bolha de sabão? Como era possível alguém se interessar por uma coisa assim tão vaga? Paulo Emílio encolheu os ombros, também estranhou, esses físicos descobrem tudo, futucam tudo, não tinha detalhes, era o que ele estudava. Então cerrei os olhos e como num sonho me vieram as lembranças das chácaras e quintais da minha meninice onde soprava as bolhas de sabão: enchia a caneca com sabão dissolvido na água, colhia o mais fino canudo do mamoeiro e sentada debaixo da mangueira ficava soprando as minhas bolhas. Bolas de sabão e não bolhas, alguém me alertou. Está certo, bolas, ah! como eram belas essas bolas coloridas que se desprendiam do canudo e iam subindo redondas e transparentes na mais delicada das mágicas. Película e oco. [...] Era preciso paciência até descobrir o sopro exato para que subissem gloriosas refletindo o verde da folhagem e o azul do céu... (TELLES, 2007, p. 22-23).

A imagem da bolha de sabão perpassa alguns contos lygianos, do início ao fim de *Os contos*. No primeiro da coletânea, “Os objetos”, cujo final é também aberto e incógnito, aparece igualmente o canudo de mamoeiro do qual a personagem (masculina, no caso) extraía as misteriosas esferas translúcidas. Nas primeiras linhas do conto, Miguel compara o peso de papel que tem nas mãos, uma esfera de cristal, à bolha de sabão, o que prenuncia o fim de seu relacionamento amoroso com Lorena:

Finalmente pousou o olhar no globo de vidro e estendeu a mão.

– Tão transparente. Parece uma bolha de sabão, mas sem aquele colorido de bolha refletindo a janela, tinha sempre uma janela nas bolhas que eu soprava. O melhor canudo era o de mamoeiro. Você também não brincava com bolhas? Hein, Lorena? (TELLES, 2018, p. 17).

Tal como a contadora de histórias, Sheherazade, de *As mil e uma noites* (séculos XIII-XIV), que narra para afastar o dia de sua morte; bem como a esposa, Penélope, que tece e desfaz suas obras enquanto aguarda o retorno do marido durante sua *Odisseia* (século VIII a.C.); ou Pandora, no poema hesiódico *O trabalho e os dias* (século VIII a.C.), que, por sua indomada curiosidade, revela todos os males aos homens, resguardando em sua caixa apenas a esperança, as muitas narradoras e personagens na literatura lygiana ocupam sua obra e questionam sua criadora, no desejo de prolongar sua existência ficcional. Voltando sob diferentes formas, suas criaturas persistem e convivem, seja em seus romances, seja em *Os contos*, reflexo das muitas imagens projetadas pela mestra da narrativa brasileira, no ato contínuo de desembrulhar-se diante do leitor.

Considerações finais

*Sin lugar a dudas, la obra de Fagundes Telles pertenece a la gran biblioteca universal.*¹ (MANGUEL, 2017, p. 25).

Lygia Fagundes Telles deixa ver, em suas narrativas coligidas em *Os contos*, fatos de sua vida que demonstram ou explicam sua atuação constante, sua múltipla e longa vida de mulher, paralela à de escritora: legionária durante a Segunda Guerra Mundial; entre as primeiras mulheres estudantes nas cadeiras da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (assim como Hilda Hilst), curso que seguiu enquanto estudava também na Escola Superior de Educação Física e trabalhava na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo; filha de uma cantora e pianista amadora e de um delegado; promotora pública; terceira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras; presidente da Cinemateca, após a morte de seu segundo marido, o professor e cineasta Paulo Emílio Sales Gomes; as muitas perdas, de amigos e parentes, que lhe provocaram profundo sofrimento.

Esses elementos biográficos, se não explicam sua obra, no âmbito de seus livros, ao serem considerados “ficcionais”, comovem e nos provocam empatia, como toda obra-prima literária. Conforme Suênio Campos de Lucena: “Quando se trata dos livros de memória de Lygia, importa não exatamente o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido – só assim é possível transformar realidade em ficção e ficção em realidade” (LUCENA, 2010, p. 47). Inseridos no conflito entre passado, presente e futuro, os textos memorialistas sensibilizam não somente pela nostalgia de um tempo perdido, como pela crítica social ao caos da vida urbana e da violência, em meio à crise da pós-modernidade, sob suas diversas roupagens. Os contos ficcionais trazem diversas maneiras de abordagem do ser humano, em uma

¹ “Sem dúvida alguma, a obra de Lygia Fagundes Telles pertence à grande biblioteca universal”.

sondagem profunda da existência, refletindo sempre o mistério do indefinível e inacessível, como a estrutura da bolha de sabão, que, por vezes, espelha uma breve janela para o desconhecido.

A contemporaneidade de temas e da linguagem da obra lygiana, as abordagens que propõe sobre a psique humana, por meio da palavra e do discurso, suas múltiplas formas narrativas, minuciosamente revistas e reescritas pela escritora ciosa de seu estilo e inconformada, como ela mesma se afirma, com o estabelecido são demonstrações de sua atualidade e permanência. Sua disciplina para o trabalho, seu amor pela literatura, seu respeito ao leitor e às pessoas com quem conviveu estão expressos em suas páginas, em seus projetos literários, em seu arquivo, em sua correspondência, em seus textos e fragmentos de memória. Solidária aos amigos e às amigas escritores, nossa autora busca também a cumplicidade do leitor: “[...] a solidariedade do leitor que me procura e me abraça. ‘As glórias que vêm tarde já vêm frias’, escreveu o poeta, aquele Dirceu de Marília. Quero dizer então, me leia enquanto estou quente” (TELLES, 2002, p. 175).

Procuramos mostrar, neste artigo, por meio de alguns exemplos, como procedimentos narrativos da mestra do conto brasileiro repercutem em textos de diversas épocas, com uso de diferentes temas e formas, coligidos na antologia *Os contos*. Da mesma maneira, o hibridismo entre realidade e ficção, memória e esquecimento, na obra de Lygia Fagundes Telles, extravasa gêneros e formas literárias. Conforme notou Suênio Campos de Lucena, nossa autora “[...] opera com um *embaralhamento* de discursos e de experiências, tornando desnecessário verificar onde começa a ficção e onde acaba a (sua) *reelaboração do vivido*” (LUCENA, 2018, p. 90).

Seja para prolongar a vida, encobrir uma lembrança de luto, ocupar o tempo numa longa espera e com ela despertar a esperança, a narradora lygiana constrói suas narrativas na expectativa da redenção e da libertação do sujeito, mas que permitem ver nas linhas e nas entrelinhas de seu texto todo o sofrimento escondido, do tempo passado, da memória redescoberta. As discussões sobre o eterno feminino se expressam numa polifonia de vozes, de discursos, de histórias reveladas a cada conto lido, reinserido e ressignificado no conjunto maior de sua obra, que vincula a linhagem realista à intimista do conto brasileiro, numa linguagem atual e moderna, com o emprego de técnicas narrativas que sabem dialogar com a tradição, o popular e as suas novas tendências.

Bolhas de sabão multicores, translúcidas, etéreas, em estruturas perfeitas de cristal, até a extinção no imaterial, terminada sua curta vida, posto que “condenadas à ruptura”, repercutem em diversas outras criações de contistas contemporâneas. Ou eternas, manuseadas pela artesã do conto em esferas de argila, feitas para ficar no cânone da literatura brasileira e na biblioteca universal, sob o nome de sua mestra e criadora: Lygia Fagundes Telles.

NEVES, A. Lygia Fagundes Telles and the mastery of narrating. **Itinerários**, Araraquara, n. 55, p. 91-106, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** *The work of Lygia Fagundes Telles (1923-2022) is the main object of studies in this paper; which aims to propose an introduction to the set of the paulistana writer's short stories, supported by the reading of her critical fortune and the knowledge of her wide literary production, which also includes novel, memory, chronicles and correspondence. The narrative art of the "lady of Brazilian letters" is presented here through examples extracted from her most recent publication, Os contos (2018), an anthology edited by the author herself. The intention is to show her importance and her present situation in the scenario of the Brazilian short story of female authorship, emphasizing her dialogue with masters storytellers of the past and her projections in the contemporary Brazilian literature. This study is part of a research on the works of Lygia Fagundes Telles, interrelated to the analysis of her literary correspondence, and pays tribute to the life and production of this great writer, who would celebrate her centenary in 2023. Her cultural performance is much broader to the scholars who use the various interpretative keys offered by the author to those who dedicate themselves to reading her diligently, seeking to bind her with a legion of fictionists who propose, at the same time, the renewal and the retaking of this legacy.*

■ **KEYWORDS:** *Female authorship narrative. Brazilian Literature. Lygia Fagundes Telles.*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. [Carta enviada para Lygia Fagundes Telles]. Rio de Janeiro, 28 jan. 1966. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/conto-de-voce-fic-a-ressoando-na-memoria/>. Acesso em: 8 jan. 2021.

ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. p. 5-8.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 7-22.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 241-260.

CANDIDO, Antonio. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. [Carta enviada para Lygia Fagundes Telles]. São Paulo, 15 maio 2005. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/mao-de-mestre-que-nunca-falha/>. Acesso em: 8 jan. 2021.

CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 227-237.

FREIRE, Marcelino. Contos de Lygia Fagundes Telles mostram que fama de grande dama é injusta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 dez. 2018. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/contos-de-lygia-fagundes-telles-mostram-que-fama-de-grande-dama-e-injusta.shtml>. Acesso em: 8 jan. 2021.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Posfácio: O olhar de uma mulher. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 729-745.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Lygia Fagundes Telles. São Paulo, n. 5, mar. 1998.

LAMAS, Berenice Sica. **O duplo em Lygia Fagundes Telles**: um estudo em literatura e psicologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LUCENA, Suênio Campos de. Uma análise do conto/testemunho “Nada de novo na frente ocidental”, de Lygia Fagundes Telles. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 43, p. 89-104, jan./abr. 2018.

LUCENA, Suênio Campos de. Ficção e testemunho em Lygia Fagundes Telles. In: DIMAS, Antonio (Org.). **Lygia Fagundes Telles**: caderno de leituras – orientação para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 35-51.

MANGUEL, Alberto. Lygia Fagundes Telles, escritora universal. **Passages de Paris**, Paris, n. 15 (Homenagem a Lygia Fagundes Telles), p. 24-25, 2017.

NEVES, Angela das. “Num estiramento de libertação no papel”: o arquivo literário de Lygia Fagundes Telles e sua correspondência com Simone de Beauvoir. **O eixo e a roda**: revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte, UFMG, v. 28, n. 4 (2019), p. 97-120. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15213. Acesso em: 8 jan. 2021.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. **Poemas e ensaios**. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 2009. p. 113-128.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Contos de Lygia Fagundes Telles: reedições e reescrituras. **Passages de Paris**, Paris, n. 15 (Homenagem a Lygia Fagundes Telles), p. 170-183, 2017.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Dispersos & inéditos**: estudos sobre Lygia Fagundes Telles. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

- TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**: memória e ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Invenção e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Conspiração de nuvens**. Organização de Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho chá**: perdidos e achados. Organização de Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Posse na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- TELLES, Lygia Fagundes. **O cacto vermelho**. Rio de Janeiro; São Paulo: Mérito, 1949.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Praia viva**. São Paulo: Martins, 1943.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Porão e sobrado**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1938.
- VERISSIMO, Erico. [Carta enviada para Lygia Fagundes Telles]. Alexandria (Virginia, EUA), 6 fev. 1966. Disponível em: <https://correioims.com.br/carta/um-comico-pugilato/>. Acesso em: 19 maio 2020.

